



ECOS DE LIBERDADE: LITERATURA, GÊNERO E CENSURA NA EDUCAÇÃO¹

Cristhian Ruan Couto² Maria Simone Schwengber³

¹ Trabalho desenvolvido no primeiro semestre de 2024/Unijuí

² Mestrando em Educação nas Ciências – Bolsista CAPES; PPGEC Unijuí.

³ Professora Dra. do Programa de Pós-Graduação em Educação nas Ciências - Unijuí.

RESUMO

Este trabalho destaca a literatura como um dispositivo educacional fundamental para promover a liberdade e a diversidade nas discussões sobre gênero. Sendo que, o termo "gênero" é frequentemente distorcido, alimentando um pânico moral. Frente a essas discussões muitos educadores são frequentemente acusados de romper com valores conservadores ao abordar livros com essa temática. Nos últimos anos, obras que discutem essa questão têm enfrentado censura, refletindo tensões em uma sociedade conservadora. Os opositores do gênero rejeitam leituras fundamentadas, criando uma resistência baseada em interpretações equivocadas. Este artigo questiona as implicações dessa censura na promoção de uma educação que valorize a diversidade e a liberdade de expressão. As seções incluem o impacto da literatura na construção de uma sociedade plural e os desafios da censura na educação.

Palavras-chave: Educação. Gênero. Literatura.

ABSTRACT

This work highlights literature as a fundamental educational device to promote freedom and diversity in gender discussions. The term "gender" is often distorted, feeding a moral panic. Faced with these discussions, many educators are often accused of breaking with conservative values when approaching books with this theme. In the last ten years, works that discuss this issue have faced censorship, reflecting tensions in a conservative society. The genre's opponents reject reasoned readings, creating a resistance based on misinterpretations. This article questions the implications of such censorship in promoting an education that values diversity and freedom of expression. The sections include the impact of literature on the construction of a plural society and the challenges of censorship in education.

Keywords: Education. Gender. Literature.

INTRODUÇÃO

Este texto aborda como a literatura pode ser um dispositivo para promover a liberdade e a diversidade nas discussões sobre gênero dentro do ambiente educacional. Sendo que, o termo gênero se tornou um tema central de muitos debates, frequentemente distorcido e utilizado como uma ferramenta para gerar pânico moral (Butler, 2024).



Judith Butler, em sua obra *Quem Tem Medo do Gênero?* (2024), aborda as problemáticas em torno deste termo, destacando que, no presente (2018), a expressão é muitas vezes correlacionada a conceitos distorcidos como o estímulo a sexualidades diversas, quebra das hierarquias de gênero e das raças. O que, diante desse debate, as instituições escolares, frequentemente se retraem, pois, educadores que abordam o tema são acusados de desorganizar valores patriarcais conservadores simplesmente por ensinarem educação sexual básica (Butler, 2024).

Nesse contexto educacional do tempo presente (2024) situando os últimos quinze anos, obras que abordam essas questões frequentemente enfrentam desafios de censura, refletindo as tensões em uma sociedade que ainda luta contra ideais conservadores. Para Butler (2024):

Defensores da posição antigênero (aquelas pessoas que interpretam o gênero como uma “ideologia”) consideram que devem acabar com o gênero - o campo, o conceito, a realidade social - precisamente porque não se dispõem a ler os estudos sobre gênero a que se opõem, recusando-se, às vezes por uma questão de princípios, a se empenhar em formas fundamentadas de crítica. (Butler, 2024, p. 23)

Logo, há uma possível reação aos materiais sobre gênero, mesmo que esses estudos não sejam analisados criteriosamente pelos seus opositores, pois “em sua imaginação exaltada, a teoria de gênero se baseia em textos equivocados escritos por falsas autoridades muitas vezes intangíveis” (Butler, 2024, p. 24).

Diante desses pressupostos, lanço a seguinte pergunta: Como a censura de obras literárias que repensam a organização social da sexualidade e do gênero impacta a formação de um pensamento crítico e inclusivo, e quais são as implicações dessa censura na promoção de uma educação que valorize a diversidade e a liberdade de expressão?

METODOLOGIA

A metodologia empregada neste trabalho é pautada em pesquisa bibliográfica, com o objetivo de explorar a relação entre literatura, gênero e censura na educação. Para Gil (1991, p. 48), “a pesquisa bibliográfica é desenvolvida a partir de material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos.”

Neste contexto, a pesquisa envolveu a busca e análise de livros, artigos e publicações em fontes especializadas para pesquisas acadêmicas, tais como Google Acadêmico e SciELO.



As palavras-chave utilizadas incluíram "Educação", "Gênero" e "Literatura". Ao longo do processo de pesquisa de materiais, priorizou-se uma abordagem fundamentada em estudos direcionados ao contexto das discussões sobre gênero, literatura e educação a fim de proporcionar uma compreensão abrangente das complexidades inerentes às questões de gênero no ambiente educacional.

Assim, foram examinados trabalhos de educadores, historiadores e antropólogos referentes aos anos de 2009 a 2024 como parte do processo de coleta de dados, considerando que as discussões relacionadas ao tema têm adquirido destaque e evoluído, embora com algumas ressalvas, ao longo desse período de quinze anos.

Conforme definido por Gil (1991) “a principal vantagem da pesquisa bibliográfica reside no fato de permitir ao investigador a cobertura de uma gama de fenômenos muito mais ampla do que aquela que poderia pesquisar diretamente” (Gil, 1991, p. 48). Ao integrar essas abordagens, o estudo visa fornecer uma compreensão crítica das dinâmicas entre literatura, gênero e censura no contexto educacional.

LETRAS QUE LIBERTAM: O IMPACTO DA LITERATURA NA CONSTRUÇÃO DE UMA SOCIEDADE PLURAL E DIVERSA

Livros não mudam o mundo, quem muda o mundo são as pessoas. Os livros mudam as pessoas. Mario Quintana (2006, p. 31).

A partir da frase de Mario Quintana (2006), ressalto a importância fundamental da literatura na formação de sujeitos críticos e conscientes para o convívio em uma sociedade plural e diversa. Uma vez que, “a literatura desenvolve em nós a quota de humanidade na medida em que nos torna mais compreensivos e abertos para a natureza, a sociedade, o semelhante.” (Candido, 2011, p. 182), sendo um pilar intelectual para o desenvolvimento crítico do sujeito e para a quebra de paradigmas pré-estabelecidos na sociedade.

A literatura tem o poder de ecoar liberdades em múltiplas dimensões da sociedade, o que poderia ser chamado de “ecos de liberdade”, uma vez que, ressoam através das páginas de livros que rompem e estimulam o pensamento crítico do sujeito. É um movimento que permite uma “ampliação de olhares sobre o mundo, interior e exterior” (Sanchez, 2013, p. 101)



Quando relacionado às questões de gênero, percebe-se o papel da literatura para repensar rótulos e quebrar crenças limitantes. Afinal, “o objeto da literatura é a própria condição humana, aquele que lê e a compreende se tornará não um especialista em análise literária, mas um conhecedor do ser humano.” (Todorov, 2009, p.93)

No entanto, obras literárias que desafiam normas tradicionais frequentemente se tornam alvo de censura e pânico moral. Livros que exploram temas como identidade de gênero, orientação sexual e diversidade muitas vezes são rotulados como impróprios, gerando um medo exacerbado de uma suposta doutrinação ideológica (Butler, 2024).

Para Rogério Junqueira (2017), esse termo “ideologia de gênero” é utilizado “para operar como uma arma política, enquanto dispositivo retórico, metadiscursivo, paródico e reacionário” (Junqueira, 2017, p. 46) possivelmente para mobilizar oposição a certas ideias sobre gênero, pois são vistas como ameaças à ordem estabelecida.

Uma mobilização que muitas vezes não é coerente em seus discursos, como destaca Butler (2024, p. 25) que “algumas das pessoas que se opõem ao ‘gênero’ não leem livros sobre gênero, estudos feministas, queer, ou trans, crítica queer racializada, feminismo negro ou qualquer versão da teoria da raça. Eles são céticos em relação à academia”

Ressalta-se uma oposição desinformada e incoerente, o que diante dessa resistência e desinformação, ocorre uma censura à inclusão de materiais de literatura relacionados às questões de gênero.

CENSURA E RESISTÊNCIA: O DESAFIO DE INCLUIR A DIVERSIDADE NA LITERATURA E NA EDUCAÇÃO

Na ficção e na história, a censura opera de maneira semelhante: o censor justifica suas ações com motivações variadas, sempre assumindo o papel de defensor e guardião de algo. Às vezes, é a religião que se percebe em risco, outras vezes é a moralidade. Quanto mais se enaltece e se apoia o papel do censor, mais a prática da censura se difunde e se revela em diversas dimensões (Pereira, 2020).

Nas escolas, essa censura literária se manifesta na retirada de livros das bibliotecas e na proibição de determinados textos em sala de aula. Butler (2024) destaca que essa reação



não é baseada em uma análise crítica das obras, mas sim em uma tentativa de suprimir vozes que questionam a hegemonia patriarcal e a supremacia branca (Butler, 2024, p.24).

No Brasil, em janeiro de 2019, um vídeo¹ de um discurso de Damares Alves, Ministra da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos (2019-2022), circulou nas redes sociais, onde ela argumentava contra a presença de determinados livros em escolas. Como *O grande e maravilhoso livro das famílias* de Mary Hoffman e Ros Asquith, onde no livro há famílias para além da construção cristã formada de um homem e uma mulher, na obra é ilustrada famílias diversas formadas também por apenas mulheres (lésbicas) e homens (homossexuais).

Para Damares Alves (2019), isso seria uma forma de desconstruir valores. Ela argumentava que esses livros promoviam ideologias de gênero dentro da escola, logo as crianças que tivessem contato com essas obras seriam persuadidas a se tornarem homossexuais. Um discurso marcado por uma abordagem confusa e desorganizada. Nesse sentido, a oposição à inclusão de temas de gênero nos currículos escolares e universitários pode estar enraizada em uma desconfiança em relação à leitura e à capacidade dela de abrir mentes para novas possibilidades (Butler, 2024).

Como Butler (2024, p. 29) observa, "aulas de educação sexual são canceladas e difamadas para uma juventude que tem o direito de compreender, de forma bem informada, o gênero e a sexualidade, a aprender sobre consentimento e ética sexual em um sentido mais amplo". Este movimento busca silenciar as vozes que desafiam as normas tradicionais e perpetuar estruturas de poder desiguais.

Érico Andrade (2024) argumenta que:

o fundamentalismo religioso no Brasil de matriz cristã opera na promoção, divulgação e premiação da violência psíquica com a anuência grave do Estado [...] muitas vezes, os cultos e as homilias disseminam a ideia de que certas existências são aberrações que devem ser enfrentadas para que Jesus prevaleça. Desse modo, as pessoas com orientação sexual divergente da heteronormatividade e as pessoas ligadas às religiões de matriz africana são todas a encarnação do que deve ser morto. (Andrade, 2024, Folha S. Paulo, **grifo nosso**).

No enfoque sobre a temática do texto compreende-se como esses discursos são usados para deslegitimar minorias. Um exemplo claro dessa oposição ocorreu na Bienal do Livro do Rio de Janeiro, em 2019, onde fiscais da Secretaria Municipal de Ordem Pública, liderados

¹ Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=O2bJI_W10vI. Acesso em 11 jun. 2024.



pelo coronel Wolney Dias, tentaram recolher livros com temas ligados à homossexualidade, sob determinação do prefeito Marcelo Crivella.

Crivella (2019) escandalizou-se com o romance gráfico da Marvel, *Vingadores, A Cruzada das Crianças*, especificamente uma cena onde dois personagens masculinos se beijam. Este ato, motivado por uma visão conservadora e em uma tentativa de "proteger as crianças", revela um movimento mais amplo de controle e censura que ameaça a liberdade de expressão e o direito à diversidade na literatura. A tentativa de censura, embora condenada pela organização da Bienal e posteriormente proibida pela Justiça, revela uma tentativa de segregação de narrativas que fogem do padrão heteronormativo.

Como destaca Delcolli (2024), esse movimento é perceptível também em outros países, em 2023, no México, ocorreu uma manifestação política em torno da educação. O governo de Andrés Manuel López Obrador, implementou uma reforma educacional inspirada pela obra *pedagogia do oprimido*, de Paulo Freire. A reforma tinha como centralidade uma educação com enfoque nos direitos humanos e na promoção de um olhar crítico entre os educandos. No entanto, essa iniciativa sofreu duras críticas de grupos de direita, que alegaram que essa reforma tinha como objetivo "transformar os estudantes em comunistas e homossexuais". Culminando, no incêndio de diversos livros escolares em um ato que ecoa práticas de censura e intolerância.

Nos Estados Unidos, particularmente em relação a temas de sexualidade e gênero, há um pânico moral que visa controlar/distorcer essas narrativas em ambientes educacionais. Dados da PEN America² mostram um aumento de 33% nos banimentos de livros de julho de 2022 a junho de 2023, com 26% das ocorrências relacionadas a conteúdos LGBTQIA+. Esta onda de censura é impulsionada por grupos organizados que muitas vezes distorce o conteúdo real das obras, exacerbando o controle sobre discussões de gênero e sexualidade nas escolas (Delcolli, 2024).

Freire (2011) destaca a importância do ato de ler, enfatizando que a leitura "não se esgota na decodificação pura da palavra escrita ou linguagem escrita, que se antecipa e se alonga na inteligência do mundo. A leitura do mundo precede a leitura da palavra" (Freire, 2011, p. 19). A censura, ao tentar impor limites ao que pode ser lido e discutido, restringe a

²A PEN America trabalha para garantir que as pessoas em todos os lugares tenham a liberdade de criar literatura, transmitir informações e ideias, expressar seus pontos de vista e acessar os pontos de vista, ideias e literaturas de outras pessoas. (disponível em: <https://pen.org/>)



compreensão das diversas realidades e impede que as pessoas desenvolvam uma leitura crítica do mundo.

Assim, ao tentar segregar narrativas que fogem do padrão heteronormativo, o ato de censura não apenas limita a liberdade de expressão, mas também impede o desenvolvimento de uma compreensão mais ampla e diversificada do mundo. Esse “movimento antigênero é uma forma politicamente importante do Anti-intelectualismo, que combate o pensamento como um perigo para a sociedade - solo fértil para a horrenda colaboração entre paixões fascistas e regimes autoritários" (Butler, 2024, p. 28).

Butler (2024) declara que “a visão mais extrema desse tipo é a de que as crianças que aprendem a palavra ‘gay’ se tornarão gays, como se a palavra em si magicamente desse origem à sexualidade e à prática sexual” (Butler, 2024, p. 96). O que nessa perspectiva, ignorar ou tentar proibir novas formações de sexualidades e de gênero é um esforço fútil para negar uma realidade viva e dinâmica que continuará a evoluir (Butler, 2024).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise de Butler (2024) revela que a demonização do termo gênero e a criação de um pânico moral servem como ferramentas para manter estruturas de poder reacionárias que beneficiam homens brancos e heterossexuais. Sendo que, muitos críticos do conceito de 'gênero' evitam se engajar com literatura especializada ou teorias críticas, demonstrando um ceticismo generalizado em relação ao campo acadêmico.

A resistência a esse pânico moral é, portanto, uma luta pela liberdade e pela dignidade humana, sendo imperativo promover o acesso a obras literárias diversas e garantir que temas de gênero e sexualidade sejam abordados de maneira aberta e respeitosa nas escolas. A missão é construir um mundo onde possamos nos mover, respirar e amar sem temor à violência, alimentados pela esperança de um futuro onde o moralismo opressor não mais dite as regras.

É crucial que as instituições educacionais resistam a essas pressões e promovam um ensino inclusivo e informado sobre questões de gênero e de sexualidades, considerando que esse contexto é repleto de questionamentos e descobertas sobre o mundo. Somente assim poderemos construir uma sociedade consciente e inclusiva, onde todos possam viver livremente e sem medo, ecoando valores de liberdade e igualdade.

